



## **Resenha: A escola dos Annales, de Peter Burke**

Cintia Rufino Franco da Silva

BURKE, Peter. A escola dos Annales 1929-1989: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora UNESP, 1991, 153 p.

Peter Burke é historiador inglês, doutor pela Universidade de Oxford. Foi professor de História das Idéias na School of European Studies, da Universidade de Essex, por dezesseis anos professor na Universidade de Sussex (1962), foi professor da Universidade de Princeton (1967); atualmente é professor emérito da Universidade de Cambridge (1979). Foi professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA – USP) de setembro de 1994 a setembro de 1995, período em que desenvolveu o projeto de pesquisa chamado Duas Crises de Consciência Histórica. São de sua autoria, entre outros, *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2005; *A escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Editora Unesp, 1992; *Testemunha Ocular: história e imagem*, Bauru, EDUSC, 2004.

A referida obra tem como objetivo descrever, analisar e avaliar a obra da escola dos Annales, buscando quebrar o estereótipo que o movimento tem como sendo um grupo monolítico, determinista, com uma prática historiográfica uniforme, quantitativa acerca do método, hostil ou indiferente à política e aos eventos.

Burke inicia seu livro resgatando os objetos da história, começando por Heródoto e Tucídides, cujos objetos eram a política e a guerra, sublinhando que no século XVIII, escritores e intelectuais começaram a preocupar-se com a “história da sociedade”.

Acerca do século XIX, o autor destaca que o domínio da história política foi muito contestado: na Alemanha, Karl Lamprecht acreditava que a história política era a história dos indivíduos, enquanto que a história cultural e econômica era a história do povo; nos EUA, para James Harvey Robinson, a história inclui qualquer traço das coisas que o homem fez ou pensou desde seu surgimento; Ernest Lavisse, na França, tinha seus



interesses voltados para a história política, embora tivesse uma concepção histórica interdisciplinar. Para François Simiand, havia três ídolos a serem derrubados: o ídolo político, a eterna preocupação com a história política, os fatos políticos, as guerras; o ídolo individual, a ênfase nos grandes personagens e o ídolo cronológico, ou seja, o hábito de perder-se nas origens. Henri Berr, por sua vez, encorajava os historiadores a colaborarem com outras disciplinas, tais como a psicologia e a sociologia e essa idéia de psicologia histórica teve ressonância em Lucien Febvre e Marc Bloch.

Burke afirma que Febvre foi influenciado por Paul Vidal de la Blanche, geógrafo; Lucien Lévy-Bruhl, filósofo e antropólogo; Émile Mâle, historiador da arte e Antoine Meillet, interessado nos aspectos sociais da língua. Sua tese de doutoramento, *Philippe II et la Franche-Comté* é contribuição tanto a história cultural quanto à história política, com um esquema interpretativo semelhante ao marxista e com uma introdução geográfica. Mais tarde, Febvre volta seus interesses para o estudo das atitudes coletivas ou psicologia histórica. Quando escreveu sobre o Renascimento, ofereceu uma explicação social da revolução.

Marc Bloch também foi influenciado por autores como Meillet e Lévy-Bruhl, embora sua maior influência tenha sido do sociólogo Émile Durkheim. Sua obra intitulada *Os Reis Taumaturgos*, cujo tema é a crença de que os reis tinham o poder de cura através do toque real, contribuiu à história política, já que analisa a idéia de monarquia, onde o toque real era a expressão de uma concepção do poder político. Seu trabalho foi importante também em outros aspectos: não se limitava a um período convencional, a Idade Média. Bloch escolheu o período para localizar o problema, o que significava que tinha que escrever a história da longa duração; contribuiu à psicologia religiosa, pioneira para a história das mentalidades e a utilização da história comparativa (quando Bloch compara a prática do toque real na França e Inglaterra).

Logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, Febvre idealizou uma revista internacional dedicada à história econômica, mas encontrando grandes dificuldades, o projeto foi abandonado. Em 1928, Bloch retoma os planos de uma revista, obtendo



sucesso em seu projeto. Foi solicitado que o historiador belga Henri Pirenne dirigisse a revista, mas diante a sua recusa, Febvre e Bloch tornaram-se editores.

A revista pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica; seria o alto falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história.

Entre 1930 e 1940, Febvre escreveu a maioria de seus ataques aos especialistas canhestos e empiristas, além de manifestos e programas em defesa de um novo tipo de história associado aos *Annales*, que busca uma pesquisa interdisciplinar e uma história voltada para problemas.

Mas a Segunda Guerra Mundial freou o movimento. Bloch, com 53 anos, se alistou no exército e após a derrota francesa, engajou-se na Resistência até ser capturado e fuzilado pelos alemães em 1944. Durante a guerra, Bloch passou para o papel suas reflexões acerca do objetivo e método da história. Trata-se da obra inacabada *Apologia da História ou o ofício do historiador*, publicada por seu filho Étienne Bloch.

Febvre passou a maior parte da guerra em sua casa de campo escrevendo artigos e livros sobre a Renascença Francesa e a Reforma. Sua obra *Lê problème de l'incroyance au XVIe siècle: la religion de Rabelais*, juntamente com *Os reis taumaturgos* de Bloch e o artigo de Lefebvre sobre multidões coletivas inspirou a história das mentalidades coletivas.

No pós guerra, a mais importante conquista de Febvre foi criar a organização onde sua história poderia desenvolver-se, a VI Seção da *École Pratique de Hautes Études*, em 1947, tornando-se presidente da Seção dedicada às ciências sociais e diretor do centro de Pesquisas Históricas; nomeou discípulos e amigos para as posições chave da organização.

Quando da criação dos *Annales*, em 1929, Braudel tinha vinte e sete anos. Lecionou durante 10 anos na Argélia e seu primeiro artigo importante, escrito nesse período, tinha como tema a presença dos espanhóis no Norte da África no século XVI, onde retratava o cotidiano das guarnições espanholas e mostrava a relação entre a história africana e europeia.



Durante a Segunda Guerra Mundial, Braudel escreveu sua tese, a obra intitulada O Mediterrâneo. Dividido em três partes, cada uma exemplifica uma abordagem diferente do passado: primeiramente há a história da relação entre o homem e o ambiente; surge então a história da estrutura econômica, social e política e finalmente a história dos acontecimentos.

Conforme Burke, a terceira parte, a mais tradicional, parece corresponder à idéia original de Braudel de uma tese sobre a política externa de Felipe II. Entretanto, essa narrativa de eventos está longe de ser uma história tradicional, na medida em que Braudel frequentemente desvia-se de seu caminho para enfatizar a insignificância dos eventos e as limitações impostas à liberdade de ação dos indivíduos. A preocupação de Braudel é a de situar indivíduos e eventos num contexto.

A segunda parte se preocupa com a história das estruturas: economia, Estado, sociedades, civilizações e formas mutantes de guerra. Esta história tem ritmo lento: as mudanças ocorrem no tempo de gerações, e mesmo séculos.

O ponto chave da obra é a geo-história: a história do homem em relação ao seu meio, objeto da primeira parte do Mediterrâneo, onde Braudel descreve montanhas, planícies, litorais e ilhas, climas, rotas terrestres e marítimas. Para Braudel, a história dos acontecimentos não pode ser compreendida sem a geografia, pois o ambiente geográfico determinaria costumes, mentalidade, economia, etc. a grande contribuição da obra é a história total, ou seja, integrar o econômico, o social, o político e o cultural.

Braudel resistia aos métodos quantitativos e a maioria das formas de história cultural, sendo alheio a dois grandes movimentos no interior da história dos Annales de seu tempo: a história quantitativa e a história das mentalidades.

A Revolução Quantitativa aconteceu entre 1950 até 1970, atingindo o campo econômico (História dos Preços) e logo em seguida, a história social, populacional, da cultura, religião e mentalidades.

Não se deve esquecer a importância de Ernest Labrousse, pois foi com ele que o marxismo começou a penetrar no grupo dos Annales. O mesmo aconteceu com os métodos estatísticos, pois Labrousse foi incentivado pelos economistas Albert Aftalion



e François Simiand a empreender um rigoroso estudo quantitativo da economia francesa do século XVIII.

Acerca da História demográfica, Burke afirma que surgiu na década de 50, devido a consciência da explosão populacional mundial e ligou-se oficialmente à história social quando da criação em 1960, na VI Seção, da coleção histórica denominada “Demografia e Sociedade”, que publicou monografias importantes sobre história regional. Tais estudos regionais combinavam as “estruturas” braudelianas, a “conjuntura” de Labrousse e a nova demografia histórica.

O advento de uma terceira geração tornou-se cada vez mais óbvio a partir de 1968. Ninguém nesse período dominou o grupo como o fizeram Febvre e Braudel, o que fez Dosse afirmar que o período é marcado pela fragmentação. Burke, por sua vez, prefere o termo policentrismo, afirmando que diversos membros levaram adiante o projeto de Febvre, expandindo as fronteiras da história, permitindo a incorporação de objetos como a infância, o sonho, o corpo, o odor. Outros retornaram à história política e dos eventos, alguns continuaram a praticar a história quantitativa e outros reagiram contra ela.

Esta geração é mais aberta a idéias vindas do exterior. Por diferentes caminhos tentaram fazer uma síntese entre Annales e as tendências americanas, como a psico-história, a nova história econômica, a história da cultura popular e a antropologia simbólica.

Burke, neste momento do livro, começa a dedicar-se a três temas: a redescoberta da história das mentalidades; a tentativa de empregar métodos quantitativos na história cultural e a reação a tais métodos através da antropologia histórica, o retorno à política e o ressurgimento da narrativa.

Nos anos 60 e 70, o interesse dos historiadores passou da base econômica para a superestrutura cultural, uma reação contra Braudel e seu determinismo.

Os estudos de Philippe Ariès, cujos interesses direcionavam-se para a relação entre a natureza e cultura (infância e morte), contribuíram para o estabelecimento de



uma ponte entre as mentalidades e a história social, lembrando que Ariès utilizou como fonte a literatura.

Vale destacar também nomes como Alphonse Dupront, Robert Mandrou e Jean Delumeau. Dupront busca relacionar a história da religião com a psicologia, sociologia e a antropologia. Já Mandrou e Delumeau prosseguiram suas abordagens sobre cultura popular e bruxaria, ambos voltando-se para a psicologia histórica.

Nomes como Jacques Le Goff e Georges Duby devem ser sublinhados quando se trata de Ideologias e Imaginário Social. Le Goff contribuiu com a publicação do *La naissance du Purgatoire*, uma história das mudanças das representações da vida depois da morte. Duby, por sua vez, inspirado pela teoria social neomarxista, preocupou-se com a história das ideologias, da reprodução cultural e do imaginário social, procurando combinar com a história das mentalidades.

Lucien Febvre, no artigo *Amiens, da Renascença à Contra Reforma*, vai mostrar a importância do estudo das séries de documentos, na longa duração, com o objetivo de mapear mudanças de atitudes. A abordagem estatística desenvolve-se para estudar a história da prática religiosa, a história do livro e a história da alfabetização.

Entretanto, Burke afirma que uma abordagem quantitativa da história geral ou cultural pode ser criticada como reducionista, pois o problema está em saber se as estatísticas são indicadores seguros de alfabetização, religiosidade ou qualquer coisa que o historiador queira investigar. Assim, no fim da década de 70 há uma reação à abordagem quantitativa, daí surgindo três correntes: uma mudança antropológica, um retorno à política e um ressurgimento da narrativa.

A viragem antropológica pode ser descrita como uma mudança de atenção em direção à antropologia cultural ou simbólica. Nas décadas de 70 e 80, alguns historiadores pensavam em termos de "antropologia histórica" ou "etno-história", mas o que atraía esses historiadores era a "antropologia simbólica", cujos expoentes incluem Erving Goffman, Victor Turner, Pierre Bourdieu e Michel de Certeau.

A mais conhecida crítica à Escola dos Annales tem sido a suposta negligência em relação à política. Para Braudel, os acontecimentos políticos e militares são a mais



superficial espécie de história. No entanto, nem todos os historiadores do grupo tinham essa concepção de história política. Os que mais atenção dedicou à política são aqueles preocupados com a História Contemporânea: François Furet, Michel Vovelle, Marc Ferro e Maurice Agulhon. O retorno à política está associado à redescoberta da importância de agir em oposição à estrutura e ao que os americanos denominam "cultura política", de idéias e de mentalidades. Graças a Foucault, esse retorno se estendeu em direção à micropolítica, a luta pelo poder no interior da família, da escola, das fábricas, etc.

A preocupação com a liberdade humana, juntamente com o interesse pela micro-história, fundamenta também o recente renascimento da biografia histórica. Paul Ricoeur, por exemplo, argumentava que todas as obras históricas são narrativas.

Sobre os Annales e outros campos da História, pode ser destacado que sua principal influência foi a difusão de conceitos, abordagens e métodos. Foi um movimento que se fundamentou em tantas das ciências do homem, acabando por atrair naturalmente o interesse de tais disciplinas. Em três ciências, em especial, existe um considerável interesse na abordagem dos Annales: a Geografia, a Sociologia e a Antropologia.

Finalmente, qual seria a originalidade e o valor da nova história proposta pelos Annales?

Pode-se afirmar que a maior contribuição do grupo foi a expansão do campo da história por diversas áreas, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais deixados de lado pelos historiadores tradicionais. Tais extensões do campo histórico estão vinculadas à descobertas de novas fontes, ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-los e à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade.





## Contato – 1997

Daniel Gomes

Existe uma dezena de filmes que falam a respeito de alienígenas e de um possível primeiro contato entre humanos e os possíveis seres que vieram de outro planeta, plano dimensional e, até mesmo, de outra galáxia, mas são poucos que realmente conseguem traduzir de uma forma científica e estruturalmente bem narrada. E este é o caso do filme que quero falar a seguir.

Contato (*Contact*, 1997), dirigido por Robert Zemeckis (*De Volta para o Futuro*, *Forrester Gump*), não é o típico de filme de alien que a grande audiência está acostumada a ver. Diferente de *Aliens*, o *Oitavo Passageiro*, onde temos um monstro irracional que ataca uma tripulação indefesa, *Predador* onde temos a luta pela sobrevivência do mais forte ou de *E.T.*, onde temos uma singela criatura que só quer voltar para casa. Contato é o tipo de filme que nos faz pensar sobre toda a questão do primeiro contato de uma forma que pode ser considerada real e com grande possibilidade de acontecer. E, de certa maneira, nos faz perguntar: será que os seres humanos sabem lidar com tal possibilidade?

### **Primeiro, um pouco da história.**

O filme conta a história de uma cientista do SETI e sua incessante busca por contato com alguma civilização extraterrestre. Eleanor Arroway (Jodie Foster) é uma radio astrônoma que consegue, depois de muita dedicação pessoal e anos de luta, descobrir um sinal extraterrestre transmitido a partir da estrela Vega.

Este sinal contém um conjunto de informações entre as quais se destacam a primeira grande transmissão televisiva realizada na Terra (dos Jogos Olímpicos de Berlim, na qual Hitler aparece) assim como instruções para construção de uma máquina de transporte espacial. Depois de alguns anos, a máquina é construída e Ellie, apesar de





todo o mérito que possa ter pela descoberta, deve lutar contra mais adversidades para que possa ser escolhida para realizar a viagem.

O filme mostra em muitos momentos as divergências de pensamentos existentes entre a religião e a ciência e como elas influem na vida de Ellie e no processo de construção da máquina. Com isto em mente, é interessante ver como os personagens – dos mais diferentes pontos de vista – conseguem se envolver e são entrelaçados com os eventos que marcam este primeiro e único contato da história humana no que concerne o universo do filme. Quantas e quais questões com as quais passamos a viver constantemente quando, e se isto acontecer, soubermos realmente que não estamos sós no universo.

Carl Sagan, o escritor do livro, ajudou, com a sua mulher, na produção do filme para que o mesmo tivesse uma melhor visão adaptada para o cinema, o que torna a obra cinematográfica ainda mais fiel à obra literária no qual foi baseada.

Um dos exemplos que nos faz imaginar sobre a grande imensidão do universo é o início do filme per se. Onde, de início, temos a visão da Terra e a câmera vai se afastando da mesma e se afastando, e se afastando ao ponto que presenciamos a imensidão de uma parte do universo desconhecido como um todo. Vemos aí os quão pequenos nós somos e tudo o que somos são lágrimas que podem se perder na chuva.

De uma forma geral, este não é o tipo de filme que você espera explosões, destruição ou alienígenas malvados, e sim para que a pessoa venha a filosofar sobre qual é o sentido da sua vida e o quão longe pode os seres humanos chegarem, se assim o quisermos.

Nota: 4.2/5.0



## O tão famoso e discutido currículo escolar

Cairane Barros

Algo que é muito discutido atualmente é o currículo escolar. O termo currículo pode ter vários significados, porém o que interessa nesse momento é a sua definição em relação à educação.

O currículo é um conjunto de todas as ações desenvolvidas no ambiente escolar (práticas e políticas culturais). Algo que se deve considerar é que em sua elaboração e implementação, há presença do “poder”, já que este documento traz visões sociais particulares de um modelo de sociedade.

Algo importante também no âmbito escolar é o “programa”, este consiste em unidades de conteúdos programáticos e que está dentro no contexto de currículo.

Partindo para as teorias curriculares, pode-se dividi-las em três: tradicional, crítica e pós crítica. Na primeira, o que se levava muito em consideração era a economia, política e cultura, pois com essa teoria os objetivos da educação eram voltados aos interesses do sistema capitalista, ou seja, o fundamental era que o aluno saísse da escola com o perfil de trabalhador.

Na segunda teoria, há uma crítica a primeira, alias esta, critica mesmo o sistema capitalista e com isso há também uma preocupação com o que o currículo faz. Já a terceira, que é a pós crítica, existe nessa, uma dimensão questionadora, libertadora e emancipatória, se destacam palavras como: identidade, diferença, cultura, gênero, raça, multiculturalismo, etc. Ou seja, há uma preocupação maior com todas as classes e culturas.

O fato é que nós, enquanto educadores devemos nos atentar a questão “o que ensinar” e não “como ensinar”, afinal para que o currículo atenda às especificidades de cada aluno, é preciso que esteja focado em sua realidade cultural.



## Conceito de Literatura

Sueli Martins

Literatura é expressão artística que pode ser representada através da escrita, da linguagem, da música, da oralidade, das artes plásticas entre outros seguimentos.

Ao conceituá-la, se permite dizer que homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Com isso, a literatura apresenta-se como formadora e como veículo de manifestação da cultura de um povo.

É o retrato histórico de uma produção verbal de uma determinada sociedade representada por contos, romances, cordéis, dentre outras manifestações, despertando-se assim, uma visão subjetiva, por se tratar de uma forma artística de representação da realidade recriada através do sentimento do artista e retransmitida do pensamento para as formas (gêneros literários) e com os quais ela toma vida e volta à uma nova realidade.

A partir do momento que se aceita a literatura como movimento artístico, torna-se difícil conceituá-la, pois as manifestações artísticas são múltiplas e, há pontos em comuns e distintos. A principal diferença é notória na linguagem que cada artista utiliza em particular.

Portanto, a linguagem literária é carregada de significado, mesmo direcionada a todos, cada um interpreta de uma maneira subjetiva.